Relato de uma Experiência de Cura no Teatro de DyoNises em Montreal, Quebec, Canadá.

por Louise Rosenberg
Atriz do Teatro de DyoNises, Montreal, Quebec, Canadá.
Universidade Popular de Arte e Ciência, Rio de Janeiro, Brasil e Montreal, Canadá.
Tradução: Guilherme Moraes dos Santos
Revisão: Vitor Pordeus, 8 de Setembro de 2016.
www.upac.com.br contato@upac.com.br

UMA SEGUNDA FEIRA A NOITE NO PARQUE AHUNTSIC

Evoé! Evoé! Dioniso está livre!!! Eu grito alto e forte. Três garotinhas se juntam ao nosso
cortejo. Elas estão fantasiadas de jovens bacantes e brincam conosco. Um pai e duas mães, bebês nos braços, se unem a nós por fim. Eu seguro a mão de uma mulher que eu não conheço. Nós cantamos juntos "nós somos um circulo dentro de um circulo, sem começo e sem fim" [1]. Ela me olha com os olhos sorridentes e com o coração aberto. Eu estou emocionada e maravilhada neste momento de graça compartilhada. Eu experimento a alegria.

Que a alegria caia como a chuva sobre a terra
Levando esperança aos homens que não querem mais sofrer.
A alegria e o prazer são as vocações do viver
Que a alegria caia com a chuva sobre a terra [2]

Esta foi uma de nossas noites no parque Ahuntsic (Norte de Montreal, Quebec), a alguns passos de Prise II, onde eu participo já há oito meses das oficinas de teatro do Dr. Vitor Pordeus.

UM RETORNO AO TEATRO

Eu lembro a primeira vez que participei da oficina de Vitor. Foi minha amiga, Céline, que me falou sobre a oficina. Fazia muito tempo que eu não colocava os pés num centro de tratamento alternativo em saúde mental. Seis anos antes, eu obtive minha aposentadoria num posto de assistente social num departamento de psiquiatria de um hospital geral em Montreal. Minha lembrança era que eu estava muito cansada e contente de partir. Mas hoje, não era a assistente social que se apresentava nesta oficina – era eu, Louise, uma mulher de 66 anos que vive só e que faz seu possível para viver uma aposentadoria que faça sentido. Eu participava então da organização de um simpósio do qual o tema aliava a arte à intervenção social e eu pensava que este jovem psiquiatra transcultural que curava por meio do teatro seria um convidado interessante.

Notas:

1 “O Circulo” do Pajé Amouri Gurgel

2 Letras inspiradas em Spinoza sobre a Ode à alegria de Bethoven.

Minha intuição estava certa e desde o primeiro encontro eu estive fascinada por este teatro
ritualizado que me convidava a participar. A música, a dança, a brincadeira, o jogo me conduziram imediatamente à cadência do ritmo e para minha grande surpresa, eu me encontrava a brincar como uma criança. Durante minha infância e durante minha juventude, o teatro era uma paixão. Um sonho que eu havia esquecido havia muito tempo. Eu compreendia que a criança em mim tinha sofrido desta falta. Esta criança que jazia no fundo da minha Psique tinha acabado de acordar. Ela queria brincar, gritar, se embriagar de prazer e liberdade.

MINHA LOUCURA

Desde a morte de meu pai, quando eu tinha onze anos de idade, eu sofro de uma melancolia crônica. Uma psicanálise de cinco anos não tinha me curado. Meus trinta anos de trabalho social em saúde mental me ensinaram que os medicamentos psicotrópicos não curam nada e arriscam causar problemas de saúde ainda mais graves. Todas as psicoterapias, seja qual for o método, psicodinâmica, cognitiva, humanista ou outras, podem proporcionar um alivio do sofrimento, mas isto ocorre frequentemente sob o preço da dependência crônica na pessoa do terapeuta. Mais recentemente, graças ao retorno aos estudos e um empreendimento de pesquisa autobiográfica, eu aprendo que posso dar um novo sentido à minha historia, ao “mitologizá-la”. Para mim, a pesquisa se tornou um ato de transformação do ser e de emancipação da consciência que é potencialmente curador. Contudo o método performativo que eu tento atualizar na escrita continua para mim um ato solitário. Falta-me o encontro com o outro em carne e osso e o movimento do meu corpo no espaço.

Eu sinto que há uma falha, uma cisão, uma crise a atravessar. Meu corpo tem um ferimento que eu não consigo colocar em palavras. O teatro ao qual Vitor me convida me proporciona isto que eu não encontro na escrita.

Há também um outro aspecto deste teatro de rua que me chama a atenção particularmente. Não há diferença entre os participantes. Todos são bem vindos, com ou sem diagnósticos psiquiátricos; profissionais de saúde, pacientes, cidadãos, homens, mulheres, crianças, etc. Nesta aventura, nós todos somos atores. Meus anos de trabalho em saúde mental me ensinaram que o sofrimento humano se reduz muito mal aos critérios diagnósticos, que servem, sobretudo, para marginalizar certas pessoas e as excluir de uma vida cidadã em parte ou inteiramente. Do outro lado desta exclusão, pessoas ditas normais sofrem de um excesso de rigidez e controle sobre si mesmas (e sobre os outros, se elas têm esse poder). E eu, eu sofria há muito tempo de um excesso de razão e de um medo de ser louca que eu escondia atrás de uma máscara socialmente aceitável, para não dizer, prescrita.

O sonho da razão produz os monstros
O sonho da razão produz a depressão
O sonho da razão produz a ansiedade
O sonho da razão produz a esquizofrenia3

Universidade Popular de Arte e Ciência, Teatro de DyoNises, Brasil e Canadá 2016.

Nota:Inspirado no Pintor Goya e no Fausto de Goethe (canção de V. Pordeus)

Desde os primeiros encontros na oficina, eu me sentia livre. Eu amava as letras das canções de roda, que cantamos juntos formando um circulo. Conforme nós as repetíamos, elas se tornaram como mantras, orações. Eu (re)descobria o poder do ritual, como se eu encontrasse uma parte do meu ser que eu tinha esquecido. Quando eu jogo e improviso neste lugar, eu me sinto em diálogo com o mundo dos arquétipos, com a humanidade toda inteira, dentro de uma linguagem que atravessa todas as culturas e todos os tempos. Com o tempo e a prática, o inconsciente coletivo se tornou para mim um espaço de vida real e não mais um conceito que eu compreendo mais ou menos bem. Eu entro neste mundo para nele viver, para me encontrar de outra maneira, me reinventar, ser tocada pelo outro e tocar o outro. Nossos rituais são para mim um mundo imaginário, universal, dentro do espaço de todos os possíveis. Isto é magico! Eu posso enfim ser louca! Que liberdade!
Evoé!!

O TEATRO-RITUAL

Vitor nos diz que o teatro é ritual. Um conjunto de gestos simbólicos e repetitivos que servem de estrutura para um ato transformador. Isto lembra a função dos ritos de passagem que se encontram em todas as tradições culturais desde o começo dos tempos (Van Genep, 1981). Bouchard (2013) propõe quatro elementos constitutivos de um rito de passagem:

A primeira função concerne à narrativa. […] Para que o senso se revele, a experiência deve estar submetida à prova do dizer, do narrar. Trata-se de contar o inominável, o iné-dito e o inter-dito. Uma segunda função ser refere à força vinculativa do rito. O rito dá a comunicar, dá a trocar, a fazer passar. Ele não se vive nunca sozinho, ele se abre sobre o inultrapassável do outro, da comunidade. Uma terceira característica do rito reside no seu caráter educativo, ou mesmo iniciático. O rito é um espaço memorial e permite a transmissão dos modos de fazer e de pensar […]. Ele reinsere o humano no longo tempo da sucessão das gerações e da sabedoria dos antigos. […] O rito reinsere a pessoa dentro da logica do dom e a permite de retomar seu lugar no seio da comunidade dos humanos (Goguel d'Allondas, 2002) (Bouchard, 2013, p. 53)

Eu reconheço todos esses elementos no nosso teatro DyoNises. Nós narramos o “iné-dito” e o “inter-dito”: o retorno de Dioniso, deus do vinho, do teatro e da loucura, e a morte de Penteu-Fausto, ditador arrogante e opressor. É uma tragédia, um exorcismo cultural. Isto é também a poesia e a mitologia que nos religa aos ancestrais, as nossas raízes coletivas. Nós vamos ao encontros dos arquétipos que assombram nossos inconscientes individuais e coletivos. Nós encontramos Dioniso, Agave, Hamlet, Fausto, Galileu, Zeus, as bacantes, as ninfas e outros personagens míticos. Há também os ancestrais que participaram da construção do nosso ritual, nos inspirando tanto as letras das canções quanto as improvisações. Eles são Shakespeare,

[Amir] Haddad, [Antonin] Artaud, [Bertolt] Brecht, Eurípedes, Nise da Silveira e [Baruch] de Spinoza (SHABESS). Vitor fez desses ancestrais o coração do seu método. Cada um e cada uma representam uma etapa do processo de cura. Eu começo apenas a descobri-los ou redescobri-los. Eles são uma fonte inesgotável de sabedoria e inspiração.

Como nas culturas tradicionais, nosso teatro ritualizado é um teatro de rua que se representa no coração da cidade e assim contribui para a transformação da comunidade inteira. Desde o começo do verão, nós ensaiamos ao ar livre três vezes por semana: Começando pelo
estacionamento de Prise II, em seguida, no parque Ahuntsic e na ladeira do Mont-Royal, na estátua de George-Etienne Cartier, na Avenida do Parque. Estas performances públicas são sempre imprevistas e surpreendentes.

Eu acho difícil colocar em palavras isso que eu vivo nesses momentos em que o ritual atinge seu apogeu. Acolher os passantes na nossa cadência, que cantam e dançam conosco, me emociona.

Seja qual for o sofrimento que nos paralisa, eu creio que é possível para toda pessoa que queira, encontrar neste teatro-ritual seu caminho de cura. Para alguns, é a estrutura do rito que obtém um conteúdo para o qual uma loucura demasiado invasiva se acalme, e para outros, é a expressão de sua loucura que libera da tirania de um pensamento demasiado racional e enclausurante. Os personagens que nós interpretamos nos permitem explorar as partes de nossa Psique que nós evitamos, e que estão inconscientemente na fonte de nossas dificuldades e de nossos sofrimentos. Finalmente, é o equilíbrio que nós arriscamos encontrar.

O TEATRO, ESPAÇO E RELAÇÃO *(Amir Haddad)*

Os personagens míticos que eu interpreto me afetam na minha intimidade, mesmo que o drama da minha pequena vida se dissolva na tragédia e na comédia da historia da humanidade. Eu tenho a impressão de me tornar maior do que eu sou. Minha consciência floresce, ainda que eu seja atravessada por uma humanidade que me ultrapassa e me cura de minha solidão narcísica e de meu fechamento identitário. Isso é muito libertador! Eu retorno para casa com o sentimento que meu espaço de vida é mais vasto. Eu me movimento mais facilmente em todos os lugares aonde vou. Eu estou confortável com todas as pessoas que eu encontro. Eu falo com estranhos no mercado, na rua, sem me perturbar. Eu me sinto dessa vez mais sólida e mais transparente; mais encarnada no meu ser, neste mundo.

Eu sou da geração dos baby-boomers que exagerou a importância do pensamento racional em detrimento da inteligência intuitiva e das paixões. Esse teatro exige de mim um esforço de abandono, de render minha necessidade de compreender tudo, de analisar, de pensar muito e de atuar. Jogar com autenticidade exige que eu case corpo e espirito, palavra e ação.

Ajusta o gesto à palavra
Ajusta palavra ao gesto (letra: Shakespeare trad: Millôr)(melodia de Pordeus)

Canção: Teatro de rua (Junio Santos)

Passa o tempo o tempo passa
Corre um mundo em desgraça

Tragédia
Comédia
Dramalhão

E o teatro rompe o espaço do passado e do futuro
E no presente
É uma encenação

Teatro não é só brincadeira
O mundo não é ilusão
Comédia não é só gargalhada
Tragédia nem sempre é ição

É o teatro de rua
Teatro operário
Teatro do povo
Teatro panfletário

Um drama diário (Bis)

Tragédia
Comédia
Dramalhão (Bis)

No jogo, como na vida, nós vivemos em relação. No nosso teatro há vários outros. Há outros
atores com quem eu brinco regularmente. Há outros que nos assistem brincar ou que participam. Há os arquétipos que nos habitam e nos transcendem. Todos esses outros me revelam a mim mesma. Eles são meus espelhos que me fazem ver quem eu sou e quem eu me torno. Eu descubro em mim múltiplos rostos que nascem e renascem no encontro com o outro. É para o outro que o sujeito entra verdadeiramente na existência 6. (Misrahi, por Buber, 1923, 2012, p.16).

Às vezes, eu me sinto confrontada por este outro que me revela a mim mesma. Eu chego a ser tocada nas minhas feridas.

> "Estar tocado por um outro é uma necessidade primária, uma angústia com certeza, mas também uma chance – de estar interpelado, reclamado, ligado a isto que não sou

> eu, e também de estar emocionado, de ser obrigado a agir, de me endereçar a outro lugar e assim não fazer mais do “eu” um tipo de possessão.” (BUTLER, 2007, p. 137)

Eu penso, como Butler, que o outro é uma passagem necessária. Se deixar tocar pelo outro abre possibilidades de cura. Pois não é nas nossas relações com os outros que nossas doenças ganham forma. Vitor Pordeus, tal como outros pesquisadores, nos convida a colocar em questão nossos paradigmas de saúde e de doença, nos lembrando de que as doenças físicas e psíquicas são determinadas por fatores culturais, históricos e políticos.

> “Diseases are cultural and political productions simultaneously expressed through epigenetic historical alterations that mould our bodies. Besides that, accumulated scientific evidence demonstrates that we are capable of positively modifying even the most severe chronic psychosis through modifications in space, culture and political relations, esthetical and ethical relations” (Pordeus, 2015, p. 24)

> trad: Doenças são produções culturais e políticas expressas através de alterações epigenéticas e históricas que moldam nossos corpos. Além disso, a evidência científica acumulada demonstra que somos capazes de modificar positivamente mesmo a mais severa psicose crônica através de modificações no espaço, na cultura e nas relações políticas, éticas e estéticas.

Se nós, às vezes, vivemos momentos de fragilidade, Vitor, que é dessa vez ator e guia nesta aventura, está sempre disponível para acolher as histórias ou lembranças que precisam ser compreendidas. Também, depois de cada uma de nossas práticas ou performances, nós fazemos uma roda de conversa para partilhar impressões sobre a experiência vivida.

Nós somos um circulo dentro de um circulo
Sem começo e sem fim (bis)(canto xamânico ensinado pelo Pajé Amauri Gurgel)

ESCUTA, canção de Ray Lima
Escuta! Escuta!
QUe o outro a outra já vem.
Escuta.
Acolhe.
Cuidar do outro faz bem.

Cuidar de mim é cuidar do mundo
Cuidar do mundo é cuidar de mim.

A LOUCURA COM MÉTODO

Universidade Popular de Arte e Ciência, Teatro de DyoNises, Brasil e Canadá 2016.

Vou terminar este relato dizendo algumas palavras sobre o método que Vitor desenvolveu e sobre as influencias que o inspiraram. Vitor é o sucessor de Nise da Silveira, uma psiquiatra brasileira que fundou em 1946 o Museu de imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro. Esse museu tem uma das maiores coleções de pinturas, desenhos e esculturas produzidas por pessoas portadoras de severas doenças mentais. Nise da Silveira demonstra sistematicamente os benefícios terapêuticos da expressão criadora espontânea dentro de um ambiente favorável para seus pacientes. Nos anos 50 ela trabalhou com Carl Gustav Jung, que demonstrou a importância dos símbolos e das tradições na vida psíquica humana e como nossos comportamentos inconscientes coletivos são determinados pelos arquétipos. Há sete anos Vitor Pordeus continua o trabalho de Nise da Silveira, na Universidade Popular de arte e ciência, onde ele criou o Hotel da Loucura e o teatro DioNyses, um coletivo de atores que continua a demonstrar os benefícios do teatro de rua para a saúde dos indivíduos e para a comunidade. (Pordeus, 2014, p. 48)

O método SHABESS que Vitor desenvolveu e que é a estrutura fundamental de seu teatro ganhou forma através da pesquisa e experimentação dentro de um período de sete anos. Seu método se enraíza na mitologia, no teatro, na filosofia e nas tradições iniciaticas. Quando conhecemos Vitor, nós compreendemos que ele tem um respeito profundo pelos ancestrais, pela cultura e pela ciência. Mas ele é acima de tudo um curandeiro. Um xamã dos tempos modernos. Além de ele oferecer sua oficina de teatro revolucionária e maravilhosa, ele é sempre muito acolhedor e generoso com seu tempo e sua sabedoria. Eu estou apenas no começo do meu processo de cura através do teatro. Eu continuo nesta aventura com curiosidade e confiança, me alegrando a cada passo, a cada instante, nesta bela descoberta... Obrigada Vitor...

Bibliografia

Bouchard, N. (2013). Une expérience de passage. Dans D. L. Luis Gomez, Sens & projet de vie (pp. 51-62). Québec, Québec: Presse de l'Université du Québec.
Buber, M. (1923/2012). Je et tu (éd. Martin Buber Estate, 1923). Paris: Aubier.
Butler, J. (2007). Le récit de soi. (F. U. Press, Éd., & B. A. Aucouturier, Trad.) Paris: Presses Universitaires de France.
Pordeus, V. (2015). Mental Illness Arises Epigenetically Like All Other Diseases. Journal of Psychology and Psychotherapy Research , 2, 23-24.
Pordeus, V. (2014). Restoring the Art of Healing: A Transcultural Psychiatry Case Report. Journal of Psychology and Psychotherapy Research , 47-49.